

Editorial

Neste número, apresentamos um dossiê especial sobre a literatura brasileira em prosa, produzida a partir dos anos 1970. O termo contracultura, nesse sentido, foi elegido como uma forma de encontrar um denominador comum para as produções literárias que aqui se apresentam, devido às distinções temáticas e estilísticas de cada obra. A contracultura, então, surge como um traço constituinte da transgressão, da luta anti-sistêmica, da valorização das novas formas e da ruptura com o tradicionalismo e com o conservadorismo. Acreditamos, então, que cada um dos artigos que aqui se apresentam, de maneiras distintas e sob perspectivas singulares, entram em diálogo ao propor novos rumos e ao sugerir o embate com o rígido, o estável e o binário.

Dentro desse contexto, Ernest Bowes, em *Sangue e Coca-Cola: a carnavalização e a literatura pop de Roberto Drummond*, apresenta ao seu leitor a face questionadora e transgressiva da escrita de Drummond, que, por meio de recursos estilísticos como a intertextualidade, a paródia e o pastiche encena uma realidade social de efervescência política e ideológica ímpares. Com isso, delinea uma obra de metaficção historiográfica que “propõe uma dialética anacrônica e de contracorrente, uma vez que, em seu romance, a história transita por tempos e espaços distintos, que se entrelaçam ao período histórico narrado”. Nesse recorte multifacetado, a cultura pop, a repressão política pós-64 e a alienação do imperialismo capitalista são colocados em pauta, subvertidos e questionados.

Em sequência, e seguindo uma linha temática em diálogo, Natasha Gonçalves Otsuka, em seu texto *Vertendo o ventre: uma leitura sobre o conto O ventre seco, de Raduan Nassar*, analisa a obra nassariana sob a perspectiva das inovações formais e estilísticas ali empreendidas, sobretudo em termos de composição da voz narrativa. Para tanto, articula os aspectos estruturais do texto com a discussão de ordem social e política que o escritor empreende.

Assim, ao analisar o conto, a pesquisadora traz à tona uma escrita marcada pela crítica à “época da ditadura militar no Brasil, com forte repressão à liberdade, com dissidentes torturados e exilados”. Desdobra-se, então, a partir do engajamento do autor ante a esta realidade, um narrador e um personagem que refletem uma geração “frustrada política e socialmente”.

Franciane Conceição da Silva, por sua vez, no artigo *A representação da masculinidade no conto “Uma estória de amor”, de João Guimarães Rosa*, resolve articular as discussões advindas das revoluções artísticas da década de 1970, referentes às questões de gênero e às políticas do corpo, com uma releitura de um clássico de nossa literatura. Relê, então, o conto roseano com uma nova lente e propõe uma reflexão sobre as questões de gênero já colocadas em debate desde o momento de produção da literatura do autor. Ao questionar o lugar da masculinidade no texto em análise, a pesquisadora propõe um diálogo/embate profícuo entre tradição e inovação que está na base dos movimentos de contracultura.

Na esteira de tais discussões, mas, agora, com o referencial teórico e metodológico de uma outra área, o pesquisador e sociólogo Pierfranco Malizia, em *A base da altura: sobre os quadros sociais da criatividade artístico-literária com um estudo no Brasil* apresenta-nos uma discussão enriquecedora sobre os processos sociais, culturais e políticos que caracterizam a constituição do ser criativo e, por conseguinte, o autor de uma obra artística, em diálogo com questões referentes a produção e recepção da arte por este criada. Para exemplificar como tais questões se desdobram no contexto brasileiro, seleciona alguns nomes de escritores e dramaturgos que trataram do embate entre tradição e inovação em suas obras, finalizando com uma reflexão sobre a poesia/música de Aldir Blanc – importante nome da contracultura brasileira na década de 1970.

Por fim, em um artigo fora do dossiê temático desta edição, Ricardo Santos David, em seu texto *A literatura infanto-juvenil na contemporaneidade: outro olhar para o literário em sala de aula*,

apresenta-nos a questão do embate normativo e das revoluções epistemológicas e filosóficas, também, no campo do ensino. Com isso, problematiza os valores inerentes ao ensino tradicional de literatura na sala de aula e apresenta uma reflexão sobre as possibilidades de trabalho com o literário no ambiente escolar.

É possível verificar, com base nos textos selecionados para comporem esta edição, que a noção de contracultura aqui explorada vai além de um contexto sociocultural específico, apesar de dialogar profundamente com os movimentos que se iniciaram em finais dos anos 1960 e marcaram profundamente a transição do século passado para o atual. Refletir sobre a contracultura, portanto, implica compreender os seus reflexos para toda uma produção artística e cultural que a sucedeu, assim como seus impactos para a vida cotidiana e para a construção do saber de um modo geral. De movimentos e rupturas, diálogos e embates, surge a proposta deste número: refletir sobre a imbricada teia de relações de convergência e distanciamento que caracterizam a sociedade brasileira contemporânea.

Juan Filipe Stacul
Eduardo Ledesma
Raquel Castro Goebel
John Tofik Karam